

emp 2.18.26

6"

e, com esta, o prestigio. Empobrecidos, acceitaram o convite de vir á capital. Foi este o derradeiro golpe, porque, mau grado a sua apparencia privilegiada, logo se transformaram em classe parasitaria, dependente dos subsidios e salarios da corôa.

Quão differentes foram as coisas na Inglaterra, onde a corôa nunca se tornou tão forte como na França!

O arralgamento ao sóo era muito mais profundo entre os aristocratas Ingleses. E o cuidado com que exerciam as suas funções, oriundas dessa relação, revelava muito mais zelo e vigilancia do que na França, Italia ou Hespanha.

Aqui está a explicação de terem sido os ultimos dois seculos o período de maior prosperidade para a aristocracia da Inglaterra e da Escocia, e de extrema decadencia para a aristocracia continental.

Se fôr verdade que o dominio do sóo, na Inglaterra, com todas as suas relações politicas e sociaes, é phenomeno prestes a desaparecer, poderemos concluir que tudo o que aconteceu no continente acontecerá na Inglaterra, — embora talvez mais lentamente e em proporções menores; e que, mesmo ali, a aristocracia se encontra condemnada ao desaparecimento, se encarmos aristocracia como instituição e não como collecção de titulos.

Lloyd George deu inicio a essa campanha em 1910 com o seu famoso orçamento. Mas, desde então, a maré tem subido. Taxas, impostos de transmissão hereditaria multiplicaram-se de tal maneira que muitos dos grandes senhores de terras, a começar pelos duques, estão vendendo as suas propriedades, ou transformando-as em companhias, afim de escaparem á taxação.

Tudo isso não passa de truques transitorios. Quando o duque ou o marquez se tornam directores de companhia, já não são os homens que costumavam ser. Uma nova atmosphera os envolve. E não está distante o dia em que terão vendido todas as suas terras aos especuladores.

Mesmo uma das familias cuja bella tradição manteve todos os seus cabeças ao serviço do Estado, os Stanleys, cujo chefe é actualmente o 17.º conde de Derby, figura altamente respeitada de estadista e aristocrata britannico, mesmo esta familia já começou a vender propriedades que pertenciam aos Stanleys desde a Guerra das Duas Rosas. As propriedades latifundiarias dos Stanleys são ainda immensas, é verdade; mas, seja como fôr, esse facto constitue um signal dos tempos.

A aristocracia, morta na sua realidade, ainda tem uma vida longa nos romances e no cinema. O respeito e a reverencia são innatos nos homens. Mesmo na Russia Sovietica, os velhos "camaradas" que fizeram a revolução estão congregando-se numa especie de aristocracia.

Pariz, Abril de 1929.  
**Conde Carlo Sforza**  
Ex-ministro dos Estrangeiros e ex-embaixador da Italia em Pariz.

**Delegacia Fiscal**

Expediente do dia 4:  
Requerimentos:  
De Venancio Ferrel  
collector da 3.ª collectoria  
capital, pedindo seja  
por valor de sellos  
contratos — Indet.  
da Companhia  
Antagens, pedindo  
nhar recurso qu  
acto desta repa  
de do qual fo  
repor a quan  
de restituição  
lhe fôra fei  
de M. Piz  
A entrega d  
Menote M  
aduanheiro  
tos — E  
n. 182.98  
10.0008;  
de d  
lhães e  
pedind  
Autoc  
Cache  
de  
Nog  
guel  
pens  
2.ª  
do  
pro  
sub  
de  
sen  
o e  
sit  
Oll  
ma  
4.0  
Ab  
bit  
do  
o  
fa  
do  
de  
An  
Ja  
foi  
da  
Por  
cal

**ARISTOCRATAS DE HONTEM E DE HOJE**

(PARA O "ESTADO")

A violencia, ás vezes, destrêe velhas instituições. Mas, quando a destruição se origina sómente da violencia, as instituições, com outros nomes, pôdem achar um novo modo de vida. O desaparecimento só é definitivo quando uma instituição deixa de acreditar seriamente na sua missão, na sua força, na sua razão de ser.

Foi assim que a aristocracia desapareceu da Europa continental, excepto em um pequeno paiz, a Hungria; assim é que está desaparecendo na Inglaterra e no Japão, a unica terra não-européa que a aristocracia, embora sob titulos differentes, teve a mesma origem cavalleiresca e feudal e o mesmo desenvolvimento que no Occidente.

Ha dez annos passados, havia dois oasis aristocraticos na Europa: a Austria e a Hungria. Na Alemanha, mau grado os elegantes regimentos, mau grado o orgulho dos Junkers prussianos, a estrutura dos Estados já era uma organização de classe-média, faltando-lho apenas as vantagens de um regimen de tal classe, em virtude da admiragão servil por um dirigente imperial, obscurecidos como estavam os burguezes pela escaravidão intellectual que vinha desde o período de Bismark.

A guerra destruiu um dos dois regimens aristocraticos: a Austria.

Na Hungria, a casta aristocratica ainda luta pela supremacia; e, até agora, com exito. Muitas das questões húngaras, que actualmente preoccupam os diplomatas europeus, são simplesmente expressões da vontade de velhas familias aristocraticas magyares.

Os sentimentos nacionalistas que são, infelizmente, uma das formas modernas de patriotismo, ajudaram a destruir ás aristocracias em muitas dessas nações de que se formaram os novos Estados europeus, depois da victoria da Entente. Entre muitas raças subjugadas — polonozes, cheques, rumenos e servo-croatas — a aristocracia da terra não era patriótica; os aristocratas muitas vezes pertenciam antes á nacionalidade dos conquistadores do que á nacionalidade dos conquistados.

Tal facto era especialmente verdadeiro na Tcheco-Slovania. Na Croacia, alguns dos grandes senhores de terras eram de origem eslavonica; mas, na filiação social, consideravam-se austro-germanos, ou verdadeiros

fidalgos austriacos. Ambos os grupos eram odiados e temidos pelas populações. Quando o medo desapareceu com a victoria das nacionalidades, sómente ficou o odio. E' perfeitamente natural que os aristocratas que foram traidores á causa nacional tenham agora perdido toda influencia.

Na Tcheco-Slovania, Rumania e Yugoslavia, a propriedade da terra por parte dos camponezes e, pelo menos, dos burguezes, substituiu o antigo e quasi completo monopollo da terra, mantido pela aristocracia. Eis o motivo por que a moderna Hungria, onde nada disso aconteceu, é como que uma ilha de grandes propriedades aristocraticas, cercada por um oceano de pequenas propriedades. Este expulsar da aristocracia das suas propriedades salvou a Rumania, a Yugoslavia e a Tcheco-Slovania da ameaça bolchevista feita sobre os seus flancos. Especialmente a Rumania. Os pequenos senhores de terras desses paizes pôdem ter muitas dificuldades e, na verdade, alguns dos seus governos as têm. Mas elles constituem a realidade de amanhã. São, e muito mais do que pensam de si consigo, o maior motivo da paz na Europa Oriental.

Os aristocratas húngaros sabem que os seus campones sem terras olham com certa inveja os seus vizinhos eslavos. Eis ali porque a aristocracia magyar desfralda a bandeira do archipatriotismo e da reconquista. E' um velho truque este empolamento do patriotismo, quando ha inquietação em casa.

Poderosa, intelligente, conscia dos seus direitos como ainda o é a aristocracia húngara, unica aristocracia que ficou, como organização, no continente europeu, impossível é negar que a grande fonte de sua agitação se encontra no recelo de perder uma privilegiada situação economica. E isto, unicamente isto constitue a differença entre estes húngaros nobres e os seus antepassados, que quiseram morrer pela sua rainha, Maria Theresza.

Se a aristocracia desapareceu da Austria, onde, com excepção de algumas bravas e nobres personalidades, os mais altos "bem nascidos" mostraram, em Novembro de 1918, estar muito mais preocupados com as suas quintas e haveres, com o seu conforto, do que com a fealdade á dynastia, e se desapareceram virtualmente da Italia, Fran-

ça e Alemanha, foi devido a motivos historicos e economicos sérios.

Todos os estudiosos sensatos de heraldica estão de accordo em que os trinta reis de França, a partir do seculo XI até ao fim da legitima monarchia franceza de 1792, deram ou reconheceram para mais de quatro ou cinco mil titulos de nobreza. O sabio genealogista Maugard, no seu celebre "Codigo da Nobreza", publicado em 1789, anno que viu o nascimento da Revolução Franceza, declara que nada mais de 2.000 titulos existiam nessa época. Os outros desapareceram. Dos cincoenta e tres autenticos de duque, existentes em 1789, apenas pouco mais de duas duzias sobrevivem hoje em dia, o que prova que, em menos de um seculo, dois terços desses titulos desapareceram.

Durante o seculo XIX os dois reis Bourbonns legitimos, Luiz XVIII e Carlos X, o "usurpador", Luiz Philippe e o novo imperador Bonaparte, Napoleão III, criaram nada mais do que 3.000 titulos novos.

Isto constitue a prova de que os titulos autenticos deverão ser extremamente raros em França. Talvez as damas norte-americanas, passando a estação elegante em Pariz, tenham uma impressão inteiramente diversa...

Farel uma estimativa baseada em um titulo francez, a cujo respeito, por intermedio de familias que me são aparentadas, conseguí ouvir e conhecer algo de certo: o segundo entre os titulos francezes, o de marquez. (Em França, somente o duque ficava acima do marquez; a dignidade de principe, tendo sempre existido em França, era somente "un titre étranger").

Quando a guerra mundial estalou, havia 987 titulos de marquez em França. Este numero deveria ter diminuido durante a guerra, porque não poucos dos titulares morreram bravamente nas trincheiras. Mas todos nós podemos estar certos de que não diminuíram.

De todos esses titulos de marquez, 220 vêm das bases definitivas da criação da corôa franceza: 20 são titulos estrangeiros obtidos antes que os territorios a que se referiam passassem a fazer parte da França. A Sabola e Nice, por exemplo, eram territorio italiano até 1860. Trinta foram conferidos a francezes por soberanos estrangeiros, incluindo o papa, não obstante ser mais do que duvidoso o direito que tam o papa de conferir titulos. Setenta e um tinham a sua utilidade em conexão no facto de serem usados na côrte de Versa-

lhes. E os reis de França, tacitamente, approvaram o que não passava talvez de uma usurpação.

Feitas as contas, temos 341 titulos em 1.000. Segue-se, pois, que cerca de 650 titulos francezes de marquez, actualmente em uso, pertencem á muito antiga e nobre familia do marquez de Carabas, o joven camponez dos contos de Perrault.

Mas os titulos são, na realidade, sómente apparencias e lantejoulas de aristocracia. Mesmo no seculo XVII, é oca em que significavam alguma coisa, foram transformados numa especie de arma, com que os soberanos podiam ligar á atmosfera irrespiravel de Versailles as poucas familias altas e ainda satisfeitas com a vida independente que levavam nos seus dominios.

Em sentido analogo, pode dizer-se que o que os reis da Inglaterra não conseguiram fazer, para rebaixar a aristocracia britannica (depois de Carlos I os reis Ingleses pouco mais poder tinham que o Doge de Venéza), fez-o a introdução das estradas de ferro. Na Inglaterra, as estradas de ferro foram uma causa tão forte para a gradual democratização da sociedade, como a Lei de Reforma de 1832, porque jogavam com o commercio e a vida social do paiz. E, tratando-se de aristocracia, deve haver uma vida rural, ou então não haverá aristocracia.

Porque aristocracia significa o dominio de terras. Eis porque os seus dois mais fortes oases, até o fim da guerra, foram a Austria e a Hungria, onde os "bem nascidos" viviam a môr parte do anno nos seus "castellos", dignando-se descer até Vienna e Budapest sómente durante períodos breves. Uma aristocracia que vive habitualmente nos seus palacios, em plena capital, é uma aristocracia de mofo.

Na Austria, o imperador mantinha, para com a aristocracia, a mesma attitude de seus antepassados, quando eram, antes da victoria da Revolução franceza, os cabeças do Santo Imperio Romano: — um espirito largo, federal, e não a politica estreita e clumata da eliminação do poder feudal, constantemente seguida pelos reis de França. Por isso é que, até hontem, os membros de uma grande familia austriaca tinham authentica certeza da sua superioridade in-genita, superioridade de que se acharam totalmente despojados os aristocratas francezes.

A monarchia franceza começou atacando os "grands seigneurs" com a instituição dos Intendentes, que os despojaram de qualquer forma de poder politico. Em seguida, a monarchia lhes reduziu a força economica

S. A.